

## A CONCEPÇÃO PLATÔNICA DA ALMA

**Aluno (a): Mônica Baptista Costa**  
**Orientador (a): Irley Fernandes Franco**

### Introdução

Nessa segunda etapa do projeto demos continuidade à pesquisa sobre o tema da alma em Platão desenvolvida no período de agosto de 2006 a julho de 2007. Para isso retomamos o *Fédon*, e acrescentamos a leitura do *Mênon*, *República* e *Fedro*, por serem esses quatro diálogos considerados escatológicos pela maior parte dos historiadores da filosofia [1].

Cada um deles expõe uma especificidade a respeito da alma: a sua condição imortal (*Mênon*, *Fédon* e *Fedro*); a sua tripartição (*República* e *Fedro*); as experiências que vivencia no mundo inteligível, de acordo com a sua conduta virtuosa ou viciosa no mundo sensível (*Fédon* e *Fedro*); e as possibilidades de retorno ao corpo (*República* e *Fedro*). Uma interpretação transversal dos quatro diálogos possibilita indicar que as características que destacamos em cada um remetem, em conjunto, a uma concepção de alma na sua possibilidade mais virtuosa, e por isso mesmo capaz de ascender, no mundo inteligível, às Idéias.

Embora muito da argumentação platônica, nesses quatro diálogos, seja lógico-discursiva, Platão não se abstém de usar adágios, citações literárias, e principalmente mitos como meios explanatórios daquilo que a linguagem filosófica não dá conta. Por isso julgamos também importante resgatar aqui os mitos utilizados para explicitar sua concepção de alma [2].

### A respeito da Alma

Para falar da alma Platão usa muito do seu contato com outros estudiosos do tema, como os órficos, Pitágoras e o ensinamento de Anaxágoras. O seu contato com o Orfismo e com Pitágoras é fato conhecido pela história da Filosofia; e a sua experiência com o ensinamento de Anaxágoras está relatada no *Fédon* 96a-99d. Aqui, sintetizaremos o Orfismo e a concepção de Anaxágoras por terem sido evidenciados pelo próprio Platão nos diálogos por nós trabalhados.

O Orfismo nasceu provavelmente no século VI a.C., baseado no mito de Orfeu. Sua doutrina elaborou a concepção da origem divina da alma. Era uma concepção marcadamente dualista. O corpo era o cárcere da alma e só a morte a libertava. Por isso propunha a abstenção como norma, desde a alimentar até a sexual, para fins de purificação. Falava sobre reencarnação e natureza da alma, e possuía três idéias-chave: a alma está presa ao corpo para pagar uma culpa originária; as reencarnações servem para sanar essa culpa; a conduta de vida, através de iniciações e ritos, purifica a alma. Assim, o sofrimento “*não era mais do que uma longa educação da alma*” [3]. O sofrimento era purificação. E no mundo inteligível, tanto as punições pelas culpas quanto os prêmios pelos méritos seriam passíveis a qualquer alma, sem distinção.

Quanto a Anaxágoras, Platão o cita no *Fédon* quando relata sua experiência com a Filosofia da Natureza, ao desenvolver o Problema da Física (96a – 99d). Inicialmente conta que foi Naturalista na mocidade, mas os naturalistas estavam ocupados com o Universo e ele perguntava-se a respeito do Ser. Ao abandonar a Física, tomou conhecimento do ensinamento de Anaxágoras onde ele diz que “o espírito é o ordenador e a causa de todas as coisas” (97c). Pensou ter encontrado a resposta para os seus questionamentos, entendendo o espírito como causa universal, mas ficou decepcionado quando constatou que Anaxágoras usava duas dimensões de causa – o espírito para o Ser; e buscava outra para a ordem do universo.

### **A condição imortal da alma**

Os principais argumentos que embasam a concepção platônica a respeito da imortalidade da alma são a *teoria da Reminiscência*, formulada no *Mênon* (81a–d) e rerepresentada no *Fédon* (72e – 77a); a *teoria dos Contrários*, elaborada por Heráclito e retomada por Platão no *Fédon* (70c – 72e; 102b – 107b); e a *teoria da Semelhança*, também formulada no *Fédon* (77b – 80b). Soma-se a elas a concepção de alma como princípio de tudo, elaborada no *Fedro* (245d – 246a).

*Fédon* é o diálogo mais completo no que diz respeito à elaboração do argumento da imortalidade da alma. Quando discorre sobre a teoria dos Contrários, Platão se utiliza da estrutura dialética de apresentar uma primeira versão do argumento para num momento posterior, a partir de uma questão levantada pelo seu interlocutor, retomá-lo, aperfeiçoando. Por isso a teoria nos é explicada em dois momentos do diálogo. Então temos que uma coisa nasce do seu contrário, gera e é gerada, sempre que há relação entre ambos, de maneira cíclica, para uma compensação recíproca das gerações. O fator cíclico é muito importante, posto que no sistema linear as gerações se esgotariam (70d – 72e). Quando argumenta que uma coisa nasce do seu contrário, está se referindo ao mundo sensível. Seria mais correto dizer que trata-se aqui de coisas que possuem qualidades contrárias, pois o Contrário em si, no mundo inteligível, não sofre geração ou corrupção. É imutável.

Além da geração recíproca, outra característica importante das qualidades contrárias é a rejeição recíproca. Uma coisa não admite a presença do seu contrário mesmo quando a oposição não é direta. Quando uma coisa tem em si características que fazem parte do contrário de outra que com ela se relaciona, há rejeição (104e – 105a). Platão indica alguns exemplos. Podemos nos utilizar do mais simples: o número 3 e o conceito de par. O número 3 não é diretamente contrário a par, porém uma das características de 3 é ser ímpar, que é o conceito contrário de par, assim, o número 3 rejeita o conceito de par.

Agora podemos aplicar as duas informações anteriores – geração e rejeição recíprocas – aos contrários vida/morte, introduzindo a alma como oposição indireta à morte. Vida gera morte e morte gera vida, em compensação recíproca das gerações. Embora não seja diretamente contrária à morte, a alma a rejeita, ou não admite a sua presença, porque faz parte das características da vida, contrária à morte em relação direta (105d). Se a alma rejeita a morte é porque é imortal. E se concebemos o imortal como indestrutível, então a alma não perece, nem no momento da morte, nem em qualquer momento em que esteja desvinculada de um corpo, no seu estado puro. Se a alma traz em si a condição de imortalidade, traz em si também a condição de eternidade (105e – 106e).

A condição de eternidade da alma embasada pela teoria dos Contrários é reforçada pela teoria da Reminiscência. Platão já havia feito um esboço dela no *Mênon*, onde dialoga sobre a

natureza da virtude. Lá, ele atribui os créditos sobre a concepção da imortalidade da alma aos sábios em coisas divinas, provavelmente os órficos. De acordo com seu primeiro esboço a respeito da Reminiscência, a alma aprende porque nas tantas vezes em que une-se a um corpo, recebe as informações do mundo sensível; e nas tantas vezes em que está no seu estado puro, separada do corpo, contempla as coisas em si no mundo inteligível. Assim, não há nada que ela não tenha aprendido (81c).

Mas no *Fédon* Platão explica um pouco mais a teoria. Se, em função da sua natureza cíclica, não há nada no mundo sensível e no mundo inteligível que a alma já não tenha aprendido, então aprender é, na verdade, recordar. O nosso saber nada mais é que reminiscência do conhecimento contemplado por nossa alma antes da geração da forma humana. Quando ouvimos ou vimos alguma coisa que nos provoca sensações e/ou nos remete a outra coisa, trata-se de uma reminiscência. O conhecimento que elaboramos das coisas no mundo sensível só é possível porque já contemplamos a coisa em si, no mundo inteligível. Como aquilo que captamos no mundo sensível é uma informação deturpada que participa da realidade em si existente no mundo inteligível, recebemos com estranheza a informação captada e enfrentamos o processo de aprender a respeito dela. Ao comparamos coisas, não estamos comparando uma coisa com outra, mas estamos comparando as coisas com a coisa em si mesma, já contemplada pela alma no mundo inteligível, posto que antes de nascer conhecemos tudo aquilo que pode ser definido como realidade em si.

Uma vez adquirido, o conhecimento não se perde em cada ciclo de geração vida-morte. A alma já renasce com ele. O esquecimento seria apenas o abandono desse conhecimento; e a instrução seria, na verdade, a recordação do mesmo. A teoria da Reminiscência nos diz que, de alguma forma, já nascemos com o conhecimento das realidades em si, só precisamos resgatá-lo, recordá-lo.

Ainda no *Fédon*, para corroborar ambas as teorias, Contrários e Reminiscência, Platão nos apresenta a teoria da Semelhança. Embora tenha sido aceita a concepção de que vida gera morte e morte gera vida, levantou-se a questão sobre o que gera a alma. É eterna e circula pelos dois mundos de acordo com as gerações? Ou é gerada em algum momento antes da união com o corpo? Com a teoria da Semelhança, Platão nos diz que, por analogia, a alma se assemelha às coisas eternas, imortais e divinas.

Inicia o argumento fazendo distinção de natureza entre coisas compostas e substâncias simples. Só se decompõe aquilo que tem por natureza compor-se. As coisas compostas são suscetíveis à decomposição, enquanto as substâncias simples não o são. Decompor-se significa sofrer corrupção, é ser instável, é perder identidade. Logo, ser composto significa ser mutável e os seres mutáveis pertencem ao mundo sensível. O corpo é composto, multiforme e corruptível. Assemelha-se aos seres mutáveis, ou espécies visíveis, do mundo sensível. Por semelhança, o corpo é mortal. Por outro lado, as substâncias simples não sofrem decomposição. São incorruptíveis, são estáveis, mantêm sempre a sua identidade. Logo, uma substância simples é imutável e os seres imutáveis pertencem ao mundo inteligível. A alma é uma substância simples. Tem forma única, é indissolúvel e com identidade permanente. Assemelha-se aos seres imutáveis, ou espécies invisíveis, do mundo inteligível. Por semelhança, a alma é imortal.

No *Fedro*, a imortalidade está embasada pelo argumento da alma como coisa não gerada. Se não é gerada, a alma é princípio. E se é princípio, é necessariamente incorruptível. É eterna. A alma move a si mesma, animada por um movimento perpétuo. Tudo o que move a

si mesmo é imortal; diferentemente daquilo que é movido, pois cessa quando cessa o seu princípio impulsor (245c-d). Aqui teríamos uma alusão àquela busca de Platão a respeito da existência de um Ser como causa universal, indicada no *Fédon*, pois ele nos diz que o Ser realmente existente, que não tem forma nem cor, nem se pode tocar, e que é visível somente à inteligência, habita no supraceleste (ou hiperurânio) (247c).

“(…) é então princípio de movimento o Ser que se move por si mesmo.” E a esse não lhe é possível perecer nem nascer. “(…) esta é a essência da alma e o seu verdadeiro conceito.” (245e).

Ainda no *Fedro*, quando a alma é perfeita, é munida de asas e consegue transitar pelo mundo inteligível, contemplando as coisas em si; se por imperfeição perder as asas, é arrastada em direção ao mundo sensível e une-se a um corpo. Virtude ou vício vão determinar a condição de acesso da alma ao mundo inteligível ou a sua permanência no mundo sensível (246c-e). À alma que ascende ao mundo inteligível, é dado conhecer não só as coisas em si, mas ao Ser em si. Contemplá-lo é contemplar a Sabedoria (247d-e). Por outro lado, às almas que não conseguem atingir o supraceleste, é dado apenas a formulação da Opinião (248b).

### **As três partes que compõem a alma**

O argumento a respeito das três partes que compõem a alma é desenvolvido com a finalidade de concluir pela necessidade de que a alma seja regida pela parte Racional. Quanto mais racional for a alma, maior o condicionamento para uma existência filosófica. E quanto mais filosófica for a existência, maior a possibilidade de alcançar, no mundo inteligível, às Idéias em si.

Na *República*, Platão concentra o seu discurso em questões que dizem respeito à política. Como seria o modelo de cidade ideal; que estrutura social uma cidade ideal deveria ter para um funcionamento harmônico; e qual o modelo político mais adequado para o governo dessa cidade. Quando elabora a respeito dos modelos políticos, o faz avaliando a eficiência e as deficiências de cada um, concluindo que um modelo gera outro a partir das suas deficiências, em escala degradante. Ao longo dos dez livros que compõem a *República* há várias passagens que fazem analogia entre os modelos políticos e as partes da alma. Nesse sentido, a alma também poderia variar do tipo ideal ao mais degradante.

Antes de simplesmente afirmar a existência das três partes da alma, Platão elabora o pressuposto de que ela não é inteiriça. No livro IV, por analogia, demonstra que nosso corpo pode estar ao mesmo tempo parado e em movimento. Parado com relação ao próprio eixo mas movimentando um dos membros ou a cabeça; como um pião, parado em seu eixo enquanto sua circunferência gira (436d). Então temos que a alma é composta de três partes. A Racional ou Cognitiva, na qual há o prazer pela contemplação do Ser. Nela se raciocina, se aprende (439d / 580d). É ao mesmo tempo responsável pela vida intelectual e serve de freio das outras duas partes. A Irascível, onde há o prazer pelo poder e a captação das sensibilidades. É o centro da ira (439e / 580d). E a Appetitiva, onde há o prazer dos desejos fisiológicos. É a responsável pelas necessidades vegetativas, como fome, sede e outros desejos e paixões (439d / 580d). Com base nas especificidades de cada parte, Platão conclui que compete à parte Racional governar toda a alma. As outras partes devem ser a ela subordinadas (441e). Ampliando esse raciocínio para a questão dos modelos políticos e as cidades, temos que os filósofos deveriam ser governantes, ou os governantes deveriam tornar-se filósofos (473d).

Podemos entender a imagem do cocheiro com sua biga alada, que Platão utiliza no *Fedro* (246a-b), como mais uma para reforçar a importância do governo da parte racional da alma. Nessa imagem, o cocheiro seria a parte racional e na parelha mista, representada pelos dois cavalos, um bom e outro de natureza contrária, teríamos as outras duas partes.

### **As experiências que a alma vivencia no mundo inteligível**

Quando se utiliza dos mitos para fazer referência ao mundo inteligível, Platão está centrado em elaborar a respeito da experiência da alma em seu estado puro. E faz isso porque a contemplação das Idéias é fator primordial para a sua teoria do conhecimento. Por transitar pelos dois mundos, o sensível e o inteligível, a alma é apta aos dois modos de conhecimento: a intelecção e a sensação. No *Fedro*, Platão nos diz que o homem compreende as coisas de acordo com a Idéia. Através da reflexão, a Idéia vai da multiplicidade das sensações à unidade da verdade. Mas tal reflexão só é possível quando a alma traz em si reminiscências das realidades que contemplou no supraceleste, embora poucas almas consigam fazê-lo (249c-250a).

Na parte final do *Fédon* (107-114), temos que no mundo inteligível o destino da alma se dará de acordo com a sua conduta justa ou ímpia, virtuosa ou viciosa no mundo sensível. Todas são julgadas e sofrem as conseqüências: punição, purificação ou recompensa. Os ímpios são lançados ao Tártaro para recuperação e em caso de homicídios, somente as vítimas podem resgatá-los. As almas que tiveram uma existência comum, sem grandes vícios ou virtudes apenas passam por purificações. Aos piedosos cabe a morada pura, nas alturas, verdadeira superfície da terra (113-114). Mas particularmente os purificados pela filosofia, esses vão para os lugares mais belos e não retornam ao mundo sensível. Por isso é tão importante a virtude e a sabedoria, pois, no mundo inteligível, “*Bela é a recompensa e grande a esperança!*” (114e).

No retorno ao mundo sensível, as almas poderão se associar a corpos humanos ou de animais, de acordo com a experiência que vivenciaram no mundo inteligível. Quanto mais corrompida tenha sido a existência anterior, maior a punição no mundo inteligível; e mais degradante o retorno; quanto mais purificada e justa, melhor o retorno.

No *Fedro*, Platão argumenta sobre a experiência da alma no mundo inteligível a partir daquela imagem da biga heterogênea conduzida pelo cocheiro. Viajando através da biga, a alma teria que vencer obstáculos e limitações. Cada alma teria um grau de acessibilidade à abóboda supraceleste, lugar das Idéias em si. Algumas contemplariam as idéias, outras o fariam apenas parcialmente, e outras ainda, não conseguiriam sequer se aproximar. Como conseqüência teríamos almas cuja capacidade de conhecimento variaria da Sabedoria à Opinião (248a-b). Aquelas que conseguiram contemplar algo das realidades em si, pela Lei de Adrastéia, ficariam isentas de provações até o processo seguinte.

### **As possibilidades de retorno da alma ao mundo sensível**

Temos na *República* (614b) o mito de Er. Este mito sugere o caminho inverso daquele que Platão percorre a respeito do modelo de conduta humana necessária para se contemplar as Idéias em si quando a alma ascender ao mundo inteligível. Se para contemplar as Idéias a alma deve adotar na sua condição humana uma determinada conduta; para retornar ao mundo sensível, também a alma, no mundo inteligível deve agir com prudência. Caso contrário, após contemplar as Idéias, a alma pode correr o risco de retornar a um corpo de animal; ou de um

ser humano comum, sem interesse pela sabedoria; ou ainda pior, um ser humano sem virtudes.

O mito nos diz que Er era um armênio que morreu em combate. Seu corpo não pereceu e, ao final de doze dias Er voltou à vida e relatou o que viu no mundo inteligível a respeito do retorno das almas. Depois da morte, toda alma passa por um juiz e recebe uma placa com o veredicto do seu julgamento. Aqueles considerados justos sobem ao céu com a placa à frente do seu tórax; enquanto os considerados injustos descem ao Hades levando a placa atrás de si (614c). As almas que descem ao Hades por lá permanecem por mil anos (615a) e são punidas por suas penas; enquanto no céu as almas dos justos são recompensadas (615b).

Concluído o processo, na hora de escolher uma vida para retornar, as almas encontram no céu as três moiras donas dos destinos: Láquesis – o passado; Cloto – o presente; e Átropos – o futuro. As almas passam primeiro por Láquesis, para escolherem as vidas às quais se unirão (617d). Tudo a respeito daquelas vidas está ali disponível para a avaliação e escolha. Portanto, essa é feita de forma consciente. Feitas as escolhas, Láquesis lhes cede a cada uma um gênio que as acompanhará e as fará cumpri-las. Em seguida, as almas são conduzidas à Cloto, que ratifica os seus destinos; e a Átropos que os torna irreversíveis (620e).

O cerne do mito está nas escolhas feitas pelas almas. As almas que vieram de uma existência anterior ímpia, injusta, viciosa e que por isso foram punidas no Hades conhecem as conseqüências que uma escolha mal feita poderia lhes causar no próximo retorno ao mundo inteligível. Por outro lado, as almas que vieram de uma existência anterior no mínimo comum, o suficiente para lhes garantir um bom julgamento e o acesso direto ao céu, não sofreram as punições do Hades, e portanto não têm consciência das conseqüências que sofrerão no seu próximo retorno ao mundo inteligível. (619d). Esse mito indica que não basta ter a condição de imortalidade, de eternidade, a garantia de acesso às Idéias em si requer o discernimento da razão de maneira contínua nos dois mundos.

No *Fedro*, Platão reformulou radicalmente seu argumento a respeito das possibilidades de retorno ao mundo sensível. Aqui, já não se trata de uma escolha. A união da alma a um corpo é dada em conseqüência do grau de acesso que ela teve para contemplação das realidades em si, no mundo inteligível. “(...) Mas a alma que jamais observou a verdade nunca atingirá a forma que é a nossa.” (249b) Assim teríamos dois extremos. Aquelas almas que perderam suas asas e por isso não contemplaram as Idéias em si, foram precipitadas no mundo sensível e não conseguiram unir-se a corpos de natureza animal; por outro lado, aquelas que conseguiram maior acesso à abóboda supraceleste e contemplaram a Sabedoria em si se unirão a corpos de amigos da sabedoria. Entre um extremo e outro, temos a encarnação de vários atores sociais de acordo com o grau de acessibilidade, reis, políticos, artífices, sacerdotes, poetas, sofistas e tiranos (248d-e).

## Conclusão

Então sobre a alma temos que ela é imortal, contempla as Idéias no mundo inteligível, encarna diversas vezes, e governa o corpo. Por isso aos amigos da sabedoria cabe o esforço de uma conduta no mundo sensível desapegada de todos os prazeres do corpo (*Fédon*, 65a) para a absolvição no julgamento ao qual a alma é submetida no mundo inteligível a fim de conseguir se aproximar e contemplar a Verdade em si, a Sabedoria, o verdadeiro Ser que rege todo o universo. O filósofo busca a essência, que não é desvirtuada nem pela ação da geração nem pela corrupção (*República* 485b).

A morte, para o filósofo, é momento importantíssimo nesse processo. É esperança de purificação através da separação de corpo e alma. Embora o primeiro argumento para justificar a importância da morte tenha sido o de encontrar com deuses e outros homens sábios e bons (*Fédon*, 63b); o argumento principal é o de que a única forma de contemplar a Sabedoria em si é em estado puro. As coisas em si mesmas só são acessíveis à alma quando captadas por um sentido independente do corpo (*Fédon* 66e). O saber elaborado com base em informações recebidas dos sentidos é falho, porque tais informações são deturpadas. Enquanto presa ao corpo, a alma não é capaz de alcançar à Verdade.

### Notas

[1] Cf. Roberto Audi, verbete **Platão**, p.725.

[2] Sobre isso temos que “*Quando deve anunciar uma verdade, que, por definição, é exterior ao processo dialético, Platão recorre ao mito.*” (Dicionário das Religiões, verbete **Grécia**, p.162)

[3] Eric Dodds, *Os Gregos e o irracional*, p.166, apud Reale, p.116.

### Bibliografia

PLATÃO. *Mênnon*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio / São Paulo: Edições Loyola, 2001. Tradução de Maura Iglesias.

PLATÃO. *Fédon*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1972 (coleção Pensadores). Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa.

PLATÃO. *A República*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 9ªed.. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.

PLATÃO. *Fedro*. Lisboa, Edições 70. Tradução de José Ribeiro Ferreira.

AUDI, Robert (org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo, Ed. Paulus, 2006.

ELIADE, M. e COULIANO, J.P. *Dicionário das Religiões*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1995.

REALE, G. *Corpo, Alma e Saúde. O Conceito de Homem de Homero a Platão*. São Paulo, Ed. Paulus, 2002.